

Marcus Dohmann¹

Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos

Material culture: about an experience between tangibility and symbolisms

Resumo

O presente artigo aborda o objeto como um registro da complexidade social, onde é possível identificar relações de poder, padrões de pensamento e processos de simbolização, ao mesmo tempo em que hierarquizações sociais e funcionais podem ser percebidas com a intenção de esclarecer e tornar mais compreensíveis as tensões que surgem no cotidiano da vida humana. Não há como contar a história do mundo usando apenas textos. Embora a escrita apresente-se como uma das últimas conquistas da humanidade, grande parte dos registros, entre preocupações, crenças e aspirações, foram legados pelos objetos materiais, em uma história contada de forma assimétrica. O entendimento da vida antiga dos artefatos passou a exigir estruturas de perícia da Arqueologia e Antropologia, envolvendo-nos com os objetos de forma generosa e poética, na esperança de alcançar os vislumbres de compreensão que eles nos poderiam oferecer. Na abordagem realizada no presente artigo, podemos ver que se trata de um processo complexo e incerto no qual os objetos, alcançáveis apenas através de camadas de tradução cultural, precisam ser rigorosamente examinados e imaginados de novo em suas utilizações. Percepções e perguntas fomentam atos de interpretação, entre apropriações imaginativas e poéticas essenciais, para auxiliar o entendimento das histórias usando objetos. Uma história contada por objetos depende por completo da matéria que sobrevive do seu uso, ressaltando que se tornam documentos não apenas do mundo para o qual foram destinados, mas também para os períodos posteriores que o alteraram.

Palavras-chave: cultura material; objeto; cultura

Abstract

The present article approaches the object as a registry of social complexity, where it is possible to identify relations of power, patterns of thought and processes of symbolization, while the social and functional hierarchies can be perceived with the intention of clarifying and making more understandable the tensions that arise in the human everyday life. There is no way to tell the history of the world using only texts.

Although writing presents itself as a last conquest of mankind, most of the records, among concerns, beliefs and aspirations, were bequeathed by material objects in a story counted in an asymmetrical way. The understanding of the ancient life of artifacts began to demand structures of expertise from Archeology and Anthropology engaging us with objects in a generous and poetic way, hoping to attain the glimpses of understanding that they can offer. In the approach adopted in this article, we can see that there is a complex and uncertain process in which objects, attainable only through layers of cultural translation, must be rigorously examined and imagined again in their uses. Perceptions and questions foster acts of interpretation, between imaginative appropriations and essential poetics to aid in the understanding of stories using objects. A story told by objects depends entirely on matter that survives from its use, emphasizing that they become documents not only for the world for which they were intended, but also for later periods that altered it.

Keywords: Material culture; object; culture

¹ Graduado em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, com Mestrado em História da Arte e Doutorado em Artes Visuais, tem Pós-Doutorado no campo de Estudos Culturais, pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACCC/UFRJ, pela UFRJ. Professor e fundador/coordenador do Laboratório do Núcleo Gráfico de Comunicação Visual (LabGraf). E-mail: labgraf@ufrj.br

1 DA NATUREZA À CULTURA

Portador de significado complexo em nossa língua, o termo cultura precisou de muito tempo para migrar da condição de atividade como processo essencialmente material para constituir uma entidade. Em seu sentido original, a mais nobre das atividades humanas deriva do cultivo agrícola, em um processo que retirou o homem de maneira definitiva da natureza. Sua raiz latina — *colere*, abrange diversos significados, desde cultivar e habitar a adorar e proteger. Como cognato de *cultus*, a cultura também herda o imponente manto da religiosidade, dando lugar a uma ideia com sentido de divindade e transcendência. Como codificador de várias questões filosóficas, o termo cultura sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos no mundo e o que ele nos lega. Trata-se de um viés realista no sentido epistemológico, a partir da existência de uma “matéria-prima” que precisa ser informada de uma maneira “humanamente” significativa. Essa premissa leva a uma nova virada dialética, onde os meios culturais utilizados para transformar a natureza são eles próprios derivados dela — a natureza como produtora de cultura que, por si, transforma a natureza.

A interação do homem com a sua própria materialidade, a qual envolve a sua existência, ressalta a importância dos estudos acerca da cultura material, que, entre dimensões, abordagens e domínios, mostra-se apta a examinar o objeto material, não somente tomado em si mesmo, mas sim em seus usos, nas suas apropriações sociais, a partir das técnicas de produção envolvidas; na sua importância econômica e suas necessidades sociais e culturais.

Um objeto de cultura material é na verdade a materialização de uma sucessão de processos sociais, culturais, tecnológicos e econômicos. A sua fabricação pressupõe simultaneamente complexas estruturas sociais e econômicas, indelevelmente imbricadas na matéria. Inúmeras questões sociais, superpostas em diferentes temporalidades, podem ser lidas através dos objetos materiais, em que pesem matérias-primas e técnicas, entre funcionalidades e tradições. O objeto revela-se, portanto, como um registro da complexidade social, onde é possível identificar relações de poder, padrões de pensamento e processos de simbolização, ao mesmo tempo em que hierarquizações sociais e funcionais podem ser percebidas com a intenção de esclarecer e tornar mais compreensíveis as tensões que surgem no cotidiano da vida humana, na experiência material, entre tangibilidades e simbolismos.

Os objetos conformam a materialidade da cultura, mas, também, são conformados por significados que vão além de sua concretude. Temáticas ligadas à cultura material têm privilegiado diversos temas ligados à arte, ao design, aos significados sociais do cotidiano, sobretudo à domesticidade da vida privada e à cultura de consumo. Resumiríamos a cultura material como um complexo e dinâmico repertório da produção humana, nas esferas do fazer e do consumo, não somente denotado na dimensão da funcionalidade dos objetos materiais, como também conotado na dimensão dos significados a eles atribuídos ao longo do tempo.

Em uma perspectiva historicista, ao construir suas culturas, o homem cria manifestações sociais identitárias, que fundam o patrimônio cultural, estudado em dois

grandes campos: o material e o imaterial, tendo este último um viés essencialmente vivencial, pautado na experiência. Os elementos materiais da cultura tornaram-se objeto de estudos e análises históricas, conformados nas relações socioculturais das sociedades, como nos legam neste último século, os trabalhos de Fernand Braudel (1997), Daniel Roche (2000) e Jean-Marie Pesez (1990), através dos seus enriquecedores enfoques. Em estudos mais recentes vemos a questão do consumo de objetos atuando como uma crescente estratégia de poderes e sociabilidades, enfatizando as dinâmicas do gosto e das distinções sociais, traduzidas nos textos emblemáticos de autores contemporâneos como, Arjun Appadurai (2008) e Deyan Sudjic (2009), entre outros.

Os estudos que envolvem os “objetos da vida”, têm como denominador comum, a compreensão das nossas relações com as coisas materiais, enquanto mediadoras do ambiente em que vivemos. Embora as relações humanas nos usos de seus objetos de sobrevivência e de produção pareçam meros artifícios técnicos, não há como dissociá-los das representações mentais e do pensamento religioso, político, linguístico, filosófico e artístico, segundo Daniel Roche:

Os objetos, as relações físicas ou humanas que eles criam não podem se reduzir a uma simples materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. Eles não pertencem apenas ao porão ou ao sótão, ou então simultaneamente aos dois, e devemos recolocá-los em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais. (ROCHE, 2000, p.13)

Os objetos materiais são o testemunho inegável da construção da vida cotidiana humana, tendo atuado ao longo da história como um verdadeiro espelho das sociabilidades, seja nos hábitos de consumo ou pelos artefatos em si, bem como nos significados atribuídos às ações empreendidas no atendimento às necessidades em nome da sobrevivência de sua espécie. O homem construiu o repertório da sua cultura a partir dos seus gestos e gostos. Ainda que distinguíveis entre si, a materialidade e imaterialidade configuraram os domínios fundamentais para a análise desse variado repertório da cultura humana.

2 O OBJETO COMO REGISTRO DOS FATOS

Dois milhões de anos. Esse é o tempo estimado do legado de uma cultura material que nos permite decifrar as mensagens transmitidas pelos objetos com os quais nos relacionamos desde os primeiros registros humanos nesse nosso planeta. Moldamos o mundo e por ele somos moldados. Olhando a história da humanidade, começamos a exercitar artifícios quando nos transformamos em homo habilis, batendo uma pedra contra outra a fim de produzir um instrumento mais pontiagudo capaz de perfurar ou intimidar, a partir da pedra comum. Estava então criada uma “metodologia” que funcionou de maneira definitiva, elevando a nossa possibilidade de sobrevivência. Ninguém naquela ocasião imaginou estar praticando um artifício ao fabricar uma simples machadinha de pedra que iria permanecer na vanguarda da tecnologia por mais de um milhão de anos.

Desde os primórdios da Humanidade, a existência do homem tem dependido

das suas notáveis habilidades em criar objetos, inicialmente para simples sobrevivência e, em seguida, para gradativamente melhorar sua qualidade de vida. Entre sinais confiáveis e conjecturais, os objetos nos falam sobre o mundo para o qual foram feitos, em uma coleção de histórias meticulosamente contadas e moldadas, em suas trajetórias através dos tempos, sobre lugares, populações, ambientes e interações. O instrumental herdado possibilitou o desenvolvimento contínuo de práticas materiais, sempre atualizadas e ampliadas de acordo com os recursos técnicos e tecnológicos de suas épocas.

Os objetos contam muitas histórias, ao mesmo tempo em que se tornaram o testemunho material de muitas delas. Objetivos, crenças e aspirações muitas vezes sequer foram registrados sob a forma de escrituras, mas foram gravados nas coisas e nos objetos, impregnando-os de alguma forma, fazendo com que esses passassem a ser examinados e interpretados com o mesmo rigor dos relatos escritos. Muito além da sua função utilitária, os objetos materiais passaram a configurar o testemunho das habilidades e aspirações de suas respectivas eras e culturas. Entre as ideias abstratas e as coisas concretas criadas pelo homem, a sua experiência material possibilitou a sua rápida evolução e domínio do conhecimento material, que, apesar do anonimato de suas autorias, seus objetos materiais carregaram informações implícitas sobre a época e as práticas culturais daqueles que participaram de suas construções, comprovando, em muitos casos, serem os únicos remanescentes a contar suas histórias. É a verdade dos fatos das civilizações, contada através das suas culturas materiais, registrada nos seus objetos.

3 OS MOTORES DA HISTÓRIA

A história da tecnologia, das invenções e dos objetos, em especial no que se refere aos períodos mais antigos, foi deixada incompreensivelmente sem cultivo. Nossas instituições técnicas continuam a revolucionar, em ritmo cada vez mais acelerado, o mundo em que vivemos, mas apenas um pequeno esforço vem sendo feito para localizar nossa tecnologia atual dentro de uma sequência cronológica e para oferecer aos pesquisadores a consciência de suas responsabilidades sociais que só poderia surgir na compreensão exata de suas funções históricas.

De acordo com o arquiteto urbanista e filósofo Paul Virilio (1996), a trajetória da existência humana na história moderna pode ser contada, de forma resumida, a partir do desenvolvimento de cinco motores. São os dispositivos/aparelhos responsáveis pelas principais modificações nos quadros de produção, informação e percepção da nossa História, ao longo dos últimos 260 anos. Cada um desses motores traz consigo a associação de uma nova visão de mundo, implicando na adoção de novos comportamentos no plano social.

O primeiro motor, certamente o mais expressivo, por ter permitido, em uma sequência de desenvolvimento todos os demais, apresenta a máquina a vapor como a pedra angular do grande evento da Revolução Industrial. Como ícone principal desta época, temos o trem promovendo uma visão de mundo em desfile, através da contemplação das paisagens pela janela, caracterizando também o princípio básico

da visão do cinema. A economia de tempo, pelo encurtamento das distâncias, foi determinante para o incremento de uma nova era, na qual a velocidade na produção de objetos e sistemas pode ampliar significativamente os seus limites.

O segundo motor advém do motor de combustão que, dentre várias máquinas industriais, teve seu desenvolvimento diretamente associado ao automóvel e ao avião que, por sua vez, contribuíram com o ineditismo de novas visões, sobretudo a aérea. Novos limites estavam sendo experimentados, ao mesmo tempo em que a produção industrial alcançava novos recordes.

Quase simultaneamente, o terceiro motor — o elétrico, deu origem à turbina, favorecendo a eletrificação das metrópoles, permitindo sua iluminação para otimizar a tão esperada visão noturna. O domínio da tecnologia da eletricidade impulsionou o desenvolvimento humano em uma escala exponencial, influenciando totalmente as inovações tecnológicas anteriores.

Quase meio século mais tarde, o motor-foguete configurou o quarto motor que iria proporcionar ao homem uma de suas maiores odisseias, a ação extraterrestre. Estava, então, instaurada uma nova visão, uma visão satelizada que permitiu a observação do nosso planeta a partir de novos espaços distantes, como a Lua.

O quinto motor abre um novo paradigma na evolução da experiência material humana, através do motor informático que modifica totalmente, pela sua inferência lógica, as relações com o tempo e com o real. Digitalizações de dados, imagens e sons vão configurando uma dimensão que antes pensada apenas como ficção, concebe hoje novas esferas, como as realidades virtual e aumentada.

Atualmente, diante das concepções tecnológicas mais recentes, desenha-se uma nova iniciativa materializada no desenvolvimento de um último motor que vem explorar o dimensionamento molecular do objeto, através da nanotecnologia. São as micromáquinas (nanomáquinas) que delineiam os contornos de uma quarta revolução que tem na miniaturização e na transplantação suas principais características.

Nesse contexto, as ciências atualmente dependem cada vez mais dos objetos para explicar e entender as sínteses socioculturais, nas quais se encontram profundamente inseridas e comprometidas, em lugares e significados cada vez mais bem definidos.

4 MUDANÇAS CULTURAIS E COMPORTAMENTAIS

E comum a afirmação de que as ciências e as técnicas contemporâneas provocaram uma ruptura na história das sociedades industriais, gerando um sistema técnico-científico mundializado, quase exclusivamente imerso na dimensão operatória. O fato é que a tecnociência se apresenta como uma caracterização do movimento de inovação permanente e investimento financeiro que recobre o planeta de novos artefatos tecnológicos e de novos mercados, e visa sobretudo assinalar uma interdependência cada vez maior entre as ciências e as técnicas do saber contemporâneo, formulando constantemente novas mudanças nas áreas da cultura e do comportamento humano.

O que está em jogo nessa verdadeira corrida tecnológica contra o tempo, a

partir do incremento da rede internacionalizada de satélites e da profusão de sistemas computacionais, novos materiais, biotecnologias e investimentos de capitais, são as possibilidades de uma gestão coletiva da sociedade e também do próprio estatuto do saber. Mundialmente instituídos e altamente investidos por saberes especializados, os fatos científicos e os objetos técnicos são a concretização de redes de relações, de tamanho variável, constantemente mantidas e atualizadas, que ligam entre eles os homens e os objetos, corroborando a ideia de que os conteúdos científicos teriam assim uma dimensão social, e não a simples encarnação de uma pura racionalidade aplicada.

Como pudemos observar, o século XX, mais exatamente na sua última década, proporcionou mudanças profundas no cenário global que, por sua vez, afetaram radicalmente concepções e modos de ação do nível individual ao coletivo. Desde o fim da polarização ideológica, que manteve o mundo hegemonicamente dividido em dois blocos distintos, dando início a um processo homogeneizador que culminou com a globalização, através da eliminação de barreiras protecionistas e em prol da impulsão da economia mundial, percebe-se um enorme impacto nas culturas e no comportamento social dos indivíduos.

Origens étnicas e heranças não representam mais a única razão para configurar a pertinência do indivíduo a um determinado grupo social. As escolhas e aquisições materiais cumprem um papel preponderante nesse processo. Opções individuais na esfera material passaram a constituir parâmetros para identificação cultural que, com o tempo, acabarão por compor a própria identidade do sujeito.

“À primeira vista, nada mais real do que “o mundo”. Em sua dimensão material, o mundo é factual e, através da História, impõe-se, como diria Marx, com um peso opressor sobre nossos cérebros” (CAVALCANTI, 2005, p. 317). Nesse sentido, os objetos atestam a presença, através de um registro concreto, da experiência humana no nosso planeta, afirmando sua autonomia de existência, sem, porém, garantir qualquer autonomia de significação. O homem, através da ação, é quem realiza a imposição de sentido, através do seu caráter de intencionalidade, explicando fatores emocionais como aceitação, prazer, rejeição ou indiferença na sua relação com os artefatos materiais. Uma verdadeira teoria do objeto e do consumo deverá fundamentar-se não numa teoria das necessidades e de sua satisfação, mas numa teoria das prestações sociais e da significação.

5 OS ESTUDOS DO OBJETO

Com o grande interesse demonstrado sobre o fascinante estudo dos objetos, a partir dos seus usos e significados, estabeleceu-se mais recentemente o campo dos estudos em Cultura Material, articulado como uma nova e fecunda área de investigação. Esse novo campo de estudos proporcionou uma visão multidisciplinar das relações homem-objeto, onde são validadas contribuições de diferentes áreas do conhecimento, como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, História, Design e Estudos Culturais, transcendendo os domínios antes compreendidos apenas pela Arqueologia e Museologia.

No campo das ciências sociais, os objetos ainda estão longe de serem valorizados, sempre vistos como humildes servos, vivendo na maioria das vezes às margens ou à sombra dos fatos sociais, embora nem sempre estudados com a devida importância que lhes cabe. Isso reforça uma imagem paradoxal que, como herança deste último século, insistiu em pensar e estudar as sociedades sem a devida mediação com os seus objetos, sobretudo sem levar em conta a trajetória de suas “vidas sociais”, apesar da básica e inescapável condição material da civilização moderna.

Mais recentemente, os estudos da cultura material ganharam um grande impulso nas suas investigações, a partir das pesquisas empreendidas com os objetos materiais, permitindo assim uma compreensão mais detalhada acerca das estruturas e tessituras sociais, à luz de suas práticas, desigualdades e afinidades, observadas nas ações, emoções e significados humanos ali imbricados. Nesse sentido, é possível afirmar que os objetos configuram a crucial ligação nesta tríade que envolve a estrutura social, a estrutura econômica e o indivíduo como seu principal ator. Não se trata somente daquilo que os objetos podem significar, mas, também, o que os indivíduos podem ler e apreender destes, em relação aos demais atores sociais, nesta complexa teia de contextos, materiais e sociabilidades.

Durante as duas últimas décadas testemunhamos um renovado interesse em assuntos que envolvem os artefatos e suas materialidades, em um grande número de disciplinas das áreas das ciências sociais e das ciências sociais aplicadas. De outro lado, pode-se dizer que o crescente interesse na cultura material como campo de estudos tem sido associado à grande atenção que os objetos têm merecido, como componentes de uma cultura do consumo, cada vez mais estimulada e fortalecida nas sociedades moderno-contemporâneas.

Esse fato denota a importância de analisar os objetos nas suas práticas cotidianas mais diversas, investigando narrativas do plano social ao cultural, em atuações como marcas de valor, como marcos na construção de identidades e como elementos formadores das redes de poder. Para além disso, em suas interações com a sociedade envolvente, uma cultura poderá imprimir modificações nos seus objetos materiais de maneira a combiná-los em novas interconexões, acrescentando eventuais cargas simbólicas àquelas que já carregam. São as transformações sociais materializadas nos objetos de cultura material, como reflexo sintomático das sociedades que os produziram e manipularam. Nesse sentido, ressalta-se o objeto material sempre como um renovado ponto de partida para a pesquisa, e não apenas como resultado ou mesmo simples ilustração dela.

6 O FRACASSO ENSINA

Assim como novos livros se desenvolvem a partir da referência de outros, os artefatos também evoluem a partir de outros. Como exemplo disso, muitos dos utensílios utilizados no dia a dia, de tão familiares que são, já foram incorporados como se fizessem parte do nosso corpo, fazendo com que sejamos incapazes de imaginar que algum dia tiveram formas diferentes. Mergulhar no processo evolutivo desses objetos coloca-nos diante de uma das incontáveis relações

existentes entre a natureza dos objetos e seus processos produtivos. Umberto Eco e Giovanni Zorzoli declararam abertamente que “todas as ferramentas hoje usadas se baseiam em coisas criadas no início da pré-história” (apud Petroski, 2007, pág. 12), concordando com a afirmação de George Bassala: “tudo de novo surgido no mundo das coisas manufaturadas tem por base algum outro objeto já existente” (apud Petroski, 2007, pág. 12).

Embora o termo “boa forma” já tenha caído em desuso, cabe lembrar que, ainda na década de 1970, um número surpreendente de indivíduos acreditava que o mau design não era somente um erro de projeto, como também um exemplo da corrupção da moral funcional e estética do objeto, em um sinal de verdadeira degeneração cultural. A evolução do design, por sua vez, propiciou a utilização de novos materiais que foram incorporados ao inventário dos artefatos, gerando estudos mais aprimorados acerca dos usos e aplicações, bem como outras crescentes preocupações, frustrações e limitações, na esfera da ordem prática, orientando o desenvolvimento de novos objetos, funcional e esteticamente bem resolvidos.

Outras opções desenvolvidas com base nas tecnologias emergentes iriam introduzir novos hábitos no cotidiano dos indivíduos e viriam, em seguida, oferecer diferentes possibilidades para o consumo e uso de objetos, comprovando a tese de que a evolução material interfere de forma decisiva nos costumes e na integração social dos indivíduos.

Cada artefato de alguma maneira deixa algo a desejar em seu funcionamento, motivando desta sorte a sua evolução. O grande impulsionador de novas invenções é a incapacidade que alguns objetos apresentam de funcionar de modo adequado, em resposta aos seus usuários. Isso explica, em parte, o fato de encontrarmos atualmente milhares de objetos de uso diário em nossas casas. A abundância de artefatos é estimulada por uma infundável e contínua evolução de novas necessidades criadas pelo desenvolvimento de formas e máquinas cada vez mais eficientes, complexas e compactas. Sempre o “que está errado” é mais fácil de perceber que aquilo que está correto. O que chama a atenção são as coisas que fogem à norma, e não a norma em si. Os objetos funcionalmente “maduros” são mais sujeitos a mudanças estéticas, que muitas vezes interferem negativamente no seu uso, devendo-se entender, portanto, que o investimento estético não deverá acobertar falhas no manejo do objeto, sob pena de incorrer em uma “limitação condenatória” do artefato.

A maioria dos indivíduos vivencia o mundo físico depois de “filtrado” pelos processos de design. Muitos dos atuais produtos foram sendo modelados e remodelados por meio das experiências de seus usuários nos contextos sociais, culturais e tecnológicos em que se encontram inseridos, lembrando que essa evolução dos utensílios também interfere de maneira decisiva nos costumes e na interação social.

O “conceito de fracasso” passa a ter lugar como fator determinante das razões que levam à alteração do design de um produto/artefato. Como afirma Henry Petroski (2007), o fracasso funcional envolvendo sistemas e objetos se transforma em combustível para o crescente avanço da tecnologia.

A “memória tecnológica” com uma vida curta, apesar da suposta objetivida-

de, está mais sujeita a slogans do que a substâncias, acreditando cada vez mais em promessas no lugar de fatos comprovados. Cabe também ressaltar as influências culturais, estéticas e estilísticas sofridas por alguns produtos, a partir de objetos ou materiais inovadores, desenvolvidos com tecnologia de ponta e criados à mesma época. O design, das embalagens de fast food aos aviões e foguetes, deve levar em conta as complexidades funcionais e estruturais que transcendem seu simples uso imediato.

Sem necessariamente passar por qualquer juízo de qualidade, os impactos decorrentes das modificações feitas nos objetos devem ser antecipados nos rumos dos projetos, enxergando sempre muito mais além dos seus objetivos mais imediatos, para assim garantir o sucesso de sua existência e de seu descarte em uma condição de sustentabilidade.

Tornou-se comum considerar objetos como úteis, estéticos, necessários ou mesmo simplesmente indulgentes, pois vivemos um tempo onde pensamos os objetos como companheiros para nossas emoções ou como provocadores de um pensamento. A noção de objeto evocativo traz à tona esses dois tipos de abordagem, ressaltando a condição inseparável do pensamento e da sensação em relação às coisas (objetos) materiais. Pensamos com os objetos que amamos e amamos os objetos sobre os quais pensamos. Nos tempos atuais, a sociedade humana experimenta uma imersão total no culto aos objetos, que se renovam e multiplicam aos milhares configurando o nosso entorno e influenciando profundamente nossas relações sociais.

Entre coisas, troços e tralhas, o objeto atual confirma o seu papel como uma extensão do homem, traduzido numa objetividade externa ao ser, convertendo e consolidando-se como o instrumento material de sua existência e, em paralelo, sinalizando outro mundo permeado pelo sentido, onde desperta o signo, sempre transformado no espetáculo de uma função.

7 PRÓTESES E SIMBOLISMOS

Abre-se o campo para uma nova liturgia — a cultura do objeto, explicitando os registros sobre a sua posse e manipulando a sua condição mais implícita — a de símbolo. Trata-se de uma carga afetiva e relacional que explora o conteúdo subjetivo e emocional, juntamente com o seu grau de cumplicidade com o usuário. Nos últimos 250 anos assistimos a uma expansão ímpar de um mercado gradativamente seduzido pelo consumo, potencializado pelas máquinas, pela divulgação de um crescente número de ideias através das ações de convencimento que, praticadas pelos meios de comunicação cada vez mais atuantes, lançaram a humanidade na convivência cotidiana de uma incontável quantidade de objetos correspondente a um igualmente infinito número de novas utilizações e significações.

Entendendo que os objetos fazem parte da nossa rotina diária e, diante do pragmatismo deste ponto de vista, mesmo os artefatos mais simples têm a capacidade de simbolizar os anseios e as aspirações humanas, das mais comuns às mais profundas. Os indivíduos constroem redes de significados a partir dos objetos materiais, utilizando-os para elaborar, estabilizar e tornar visíveis suas práticas sociais,

ao mesmo tempo em que imputam valores neles, que ajudam a configurar suas identidades culturais. As coisas materiais que usamos, lidamos e com as quais interagimos, devem ser entendidas como verdadeiros predicados da cultura, formadores de um tipo de matriz mental para o desenvolvimento de ações, em um somatório de experiências, conhecimentos, técnicas e valores que os indivíduos carregam para constituir a base das práticas a serem empreendidas no plano social.

O acelerado avanço tecnológico dos nossos dias permite entender os objetos como verdadeiras próteses — estruturas artificiais que substituem, completam ou potencializam, em parte ou totalmente, determinadas funções do corpo. Embora já utilizada há longo tempo, atualmente a noção de prótese assume um conceito muito mais amplo. As próteses podem ser motoras, para aumentar nosso desempenho de força ou movimento, como os veículos, máquinas e ferramentas; ou como um segundo exemplo, onde temos as próteses sensório-perceptivas, responsáveis por corrigir problemas de percepção sensorial, para o acesso, registro, captura e transmissão de níveis da realidade que não estão ao nosso alcance direto.

Um terceiro tipo de prótese diz respeito à categoria intelectual: as próteses intelectuais, que nos permitem criar e armazenar quantidades inimagináveis de dados. Por fim, um quarto tipo de prótese conflui para agregar os três tipos anteriores em uma versão única, articulada e funcional: as próteses sincréticas — talvez a mais importante de todas as categorias mencionadas, uma conquista sintetizada nos sistemas dotados de inteligência artificial automatizada — os robôs.

Vemos atualmente as nossas experiências e visões de mundo cada vez mais mediadas pelos espaços que ocupamos e, sobretudo pelos objetos que utilizamos e fabricamos, nas cidades em que vivemos. Rituais de trabalho e lazer são realizados de forma cada vez mais dependente dos sistemas de objetos.

Embora idealizados e desenhados para se adequarem ao máximo às tarefas humanas, suas morfologias nem sempre obedecem de forma exclusiva à lógica da funcionalidade expressa. Um bom design precisa levar em conta outros fatores que não se encontram explícitos na sua configuração direta, referindo-se também às suas qualidades como símbolo, deixando claro que a significação não é uma propriedade inerente ao objeto.

Ainda não está claro como deveremos avaliar a incidência desse fenômeno na evolução das coisas materiais. Não temos ainda o distanciamento necessário para verificar se isso se trata de uma tendência passageira ou, pelo contrário, venha a se estabelecer como uma mudança decisiva na nossa maneira de lidar com a cultura material. Um dos riscos potenciais dessa nova relação com os objetos materiais é que tal ampliação do valor simbólico e iconográfico impacte numa negligência utilitária, podendo refrear a evolução gradual das qualidades funcionais básicas que, em última instância, continuam respondendo em grande parte pelas suas existências. Podemos imaginar isso como um recurso criativo habilmente apoiado por uma indústria em crise, com a necessidade de buscar de forma constante novos direcionamentos para escoar suas produções.

Inegavelmente, para entendermos o nosso passado, os objetos materiais fo-

ram imprescindíveis para reconstituir a história da humanidade, quando grande parte dos seus registros, entre preocupações, crenças e aspirações, não estavam ainda escritos, mas traduzidos pelos seus artefatos. A história ideal é contada de forma assimétrica pela sobreposição de objetos e textos. A arqueologia e a antropologia tecem suas estruturas de perícia, que permitem a formulação de questões vitais para o entendimento da vida antiga dos artefatos, envolvendo-nos com eles de forma generosa e poética, na esperança de alcançar os vislumbres de compreensão que eles nos possam oferecer. Trata-se de um processo complexo e incerto no qual objetos, alcançáveis apenas através de camadas de tradução cultural, precisam ser rigorosamente examinados e imaginados de novo, como que renascidos, em situação somente possíveis através das mais recentes tecnologias de ponta. Percepções e indagações fomentam atos de interpretação, entre apropriações imaginativas e poéticas essenciais, para auxiliar o entendimento das histórias usando objetos. Uma história contada por objetos depende por completo da matéria que sobrevive, ressaltando que se tornam documentos não apenas do mundo para o qual foram destinados, mas também dos períodos posteriores que o alteraram. O objeto configura-se como um comentário de sua própria trajetória, permitindo sempre que seja lançada uma nova luz para explicar as questões do passado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX e o início do século XXI configuraram uma era sem precedentes em termos de conflitos, mudanças sociais e desenvolvimento científico. As inovações tecnológicas possibilitaram a produção e utilização de mais objetos pela humanidade do que em qualquer outro período da história, mudando de maneira definitiva a forma como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo material. Muitos desses objetos, sobretudo depois da invenção e difusão dos materiais sintéticos, têm assumido um caráter efêmero e descartável, suscitando questões urgentes relacionadas ao meio ambiente e aos recursos naturais. Em seguimento aos últimos dois milhões de anos, os objetos que produzimos principalmente hoje e ao longo do último século refletem as nossas preocupações, a nossa criatividade e as nossas aspirações, bem como continuarão com a missão de revelá-las às sociedades futuras. Ao contemplarmos a história do mundo, é muito importante reconhecer que não se trata de uma contemplação de diferentes civilizações, truncadas e separadas sem qualquer conexão.

As interconexões existem através das culturas materiais que, embora distintas sob muitos aspectos, promovem as interações necessárias para essa nada vazia metáfora chamada de a “grande família do homem”, a partir da vivência com os seus objetos, entre tangibilidades e simbolismos, esteja sempre respondendo às suas ansiedades, necessidades, crenças, temores ou esperanças.

O legado material dos objetos nos obriga, humildemente, a reconhecer que, desde que nossos ancestrais deixaram a África Oriental para povoar o restante do planeta, mudamos muito pouco. A tarefa de construir objetos, da sua concepção ao desenho final e sua produção, seja com pedra, bronze, papel ou silício, continua

sendo empreendida para dar forma a esse mundo que muito dirá sobre a vivência desse nosso momento de hoje para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun, A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural, Niterói/RJ: EdUFF, 2008.
- BRAUDEL, F. Civilização Material, Economia e Capitalismo. 3 vol. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e razão prática. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 317-320, Apr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de out. 2017.
- FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- PESEZ, J. M. "História da Cultura Material" In Le Goff, J. (org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PETROSKI, Henry. *A evolução das coisas úteis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ROCHE, D. *História das Coisas Banais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SUDJIC, Deyan. *The Language of Things: Understanding the World of Desirable Objects*. New York: W.W. Norton & Company, 2009.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.